

Sucessão familiar nas propriedades rurais dos agricultores associados à uma cooperativa mista de produção

Succession in rural properties of family farmers associated to a production cooperative

Silvane Schwertz Trasel¹, Rosiane Oswald Flach², Nathalia Berger Werlang³, Camila Paulus Link⁴

RESUMO: O trabalho tem como plano de fundo analisar o processo de sucessão familiar, por meio do qual se busca conhecer como está ocorrendo a sucessão familiar entre os associados de uma cooperativa. Portanto, o estudo tem como objetivo geral analisar o processo de sucessão familiar nas propriedades rurais dos agricultores associados à COOPAFASJO, localizada no município de São João do Oeste – SC. A fim de atingir o objetivo geral, considerou-se como princípios básicos a agricultura familiar, sucessões familiares e a influência das cooperativas. A pesquisa foi realizada pela abordagem qualitativa e descritiva, por meio de um levantamento de dados. Foram realizadas 46 entrevistas com os agricultores associados à COOPAFASJO. Como principais resultados tem-se que o processo de sucessão familiar agrícola na região se apresenta difícil e complexo, embora a associação a uma Cooperativa represente mais segurança e estabilidade aos produtores rurais.

Palavras-Chave: Agricultura familiar. Sucessão familiar. Cooperativas.

ABSTRACT: The work has the background to analyze the process of family succession, through which it seeks to understand how the family succession is occurring among members of a cooperative. Therefore, this study has the general objective to analyze the process of succession in family farms farmers associated with COOPAFASJO, located in the city of São João do Oeste - SC. In order to achieve the overall goal, it was considered as basic principles of family farming, family succession and the influence of cooperatives. The research was conducted by a qualitative and descriptive approach, through a data collection. It was performed 46 interviews with farmers associated to COOPAFASJO. As main results we have that the process of farm family succession in the region its difficult and complex, although being a membership in a cooperative represents more security and stability to farmers.

Keywords: Family farming. Family succession. Cooperatives.

1. INTRODUÇÃO

Durante o Século XX, mais precisamente até a década de 60, a história da agricultura familiar se mostrou praticamente inalterada em relação ao estilo de vida, às técnicas e práticas, à economia e o convívio social.

¹ Graduada em Administração pela FAI Faculdades de Itapiranga. Email: silvanesjo@hotmail.com

² Mestre em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, graduada em Administração pela FAI Faculdades de Itapiranga e Coordenadora do curso de Administração da FAI Faculdades. Email: rosiane.oswald@bol.com.br

³ Mestre em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, graduada em Hotelaria pela Castelli Escola de Hotelaria e professora titular da FAI Faculdades de Itapiranga. Email: nathaliabw@gmail.com

⁴ Graduanda em Administração na FAI Faculdades de Itapiranga. Email: camilaalink@hotmail.com

Atualmente, têm se mostrado constantes os debates referentes ao envelhecimento da população rural, dos conflitos existentes entre as gerações que empreendem na agricultura, como também, das dificuldades que se apresentam no momento dos jovens decidirem permanecer ou não na propriedade. Isto, em virtude dos poucos incentivos dos pais, governo e sociedade e pela pouca disponibilidade de área agricultável. Se não houver um comprometimento, administração e percepção de negócio a possibilidade de ganhos financeiros pode ficar comprometida.

A inclusão a uma nova realidade da agricultura familiar traz grande discussão e uma profunda apreensão na questão da sucessão familiar agrícola. O que vem demonstrando que a mudança demográfica, o envelhecimento no campo, a probabilidade de ensino, os processos de migração, a falta de relacionamento entre os jovens, a pouca valorização do trabalho, aliados com a insatisfação da renda gerada pela agricultura, são os principais fatores que estão provocando as saídas dos jovens do meio rural.

Essa transferência de patrimônio traz uma dificuldade no tipo de orientação profissional. Segundo Silvestro (2001), a dimensão de cada unidade familiar no campo, não permite que haja a entrada de uma assistência relacionada com o destino da ocupação e o processo sucessório da agricultura familiar, pois as organizações que defendem o setor agrícola devem ter como objetivo tornar esse assunto mais discutível entre as famílias atuantes nessa área. Uma das alternativas de valoração do segmento e permanência dos jovens no contexto agrícola são as Cooperativas, que têm por finalidade a união dos pequenos agricultores para a geração de uma maior força de venda dos produtos e maiores benefícios de negociação. Bem como assegurar a venda da produção poderá gerar nos jovens o desejo de permanecer na agricultura.

A agricultura familiar nos últimos anos vem tornando-se ator principal de políticas públicas de importância social e econômica, impondo um ajuste no mundo rural, na modernização e assegurando um lugar inovador e participativo economicamente. O grande desafio deste estudo é tentar explicar as dificuldades no processo de sucessão agrícola, destacando como e porque a evasão do meio rural tem ocorrido de forma tão significativa.

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo geral: analisar o processo de sucessão familiar nas propriedades rurais dos agricultores associados à COOPAFASJO (COOPERATIVA MISTA DA AGRICULTURA FAMILIAR DE SÃO JOÃO DO OESTE), localizada no município de São João do Oeste – SC.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão apresentados os principais eixos teóricos que nortearão esta pesquisa. Serão abordadas a agricultura familiar, sucessão familiar, e a influência das cooperativas neste contexto.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E ASPECTOS GERAIS

Conforme Jungblut (2000), o extremo oeste de Santa Catarina foi colonizado principalmente pela cultura alemã, trazendo consigo uma grandiosa bagagem cultural de trabalho forte e conquistas. O que, por sua vez, também trouxe grandes desafios no crescimento e na geração de capital financeiro e material; contribuindo para o desenvolvimento e o aumento da nossa região.

Com o passar do tempo e a evolução natural do meio, essa agricultura de subsistência foi se afunilando. Exemplo disso são as dificuldades das famílias numerosas que eram diversas, o que levou a diminuição das famílias. Também a agricultura que era baseada somente no consumo para sustento próprio, tornou-se uma agricultura de exploração para o crescimento das propriedades rurais (JUNGBLUT, 2000).

Segundo Tedesco (2001), a agricultura familiar brasileira assume, nos últimos anos, uma atividade com aspectos de renovação e atualizações diretas em seus trabalhos. Ao contrário do campesinato tradicional, que corresponde a uma produção de subsistência, ou seja, pequeno produtor produzindo para viver em sociedade.

Para Filho e Batalha (2005), a agricultura familiar se define por alguns parâmetros: o trabalho com mão de obra familiar, sendo este superior à mão de obra contratada, e alguns trabalhos específicos sendo realizados pelo produtor rural, hoje já intitulado como empresário rural, o qual, além dos trabalhos braçais da propriedade, realiza toda a parte administrativa e contábil da mesma, onde este indivíduo é o principal integrante da família intitulado como patriarca.

Flores (2006) destaca que o novo modelo da administração da agricultura familiar apresenta características muito peculiares que vem ao encontro das propriedades agrícolas, o novo empreendedor rural. O agricultor tem um dinamismo muito grande dentro da propriedade, no qual desenvolve uma atividade produtiva, buscando inovações, adicionando valor às suas atividades e produtos.

Tedesco (2001) ainda assevera que a empresa rural é um sistema econômico no qual é desenvolvido um princípio de produção com a garantia de renda para sua manutenção. Para tanto, a propriedade rural deverá manter seus objetivos e uma tomada de decisão eficiente, com a finalidade essencial de efetivar um planejamento integrando a família como um todo, na idealização do futuro da propriedade rural.

Para Foina (2012), o planejamento faz parte do envolvimento de todos os membros na atividade da propriedade, não somente nos trabalhos braçais, mas sim, na administração da mesma. Em outras palavras, é um processo no qual são definidos e repensados os objetivos e as metas da propriedade. Todas as empresas realizam seus planejamentos estratégicos e portanto a propriedade agrícola também deve efetivas esse trabalho para que esta obtenha o sucesso que garante sua continuidade.

Filho e Batalha (2005) ressaltam que todo produtor deverá ter uma visão do ambiente empresarial no qual está inserido. Avaliando seus serviços, analisando pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças, determinando assim, uma estratégia de produção eficaz e gerenciando uma propriedade competitiva.

O produtor familiar deve ter sua atividade produtiva determinada com clareza e estrategicamente definida, pois essa propriedade rural é um empreendimento que tem o compromisso de demonstrar resultados, utilizando técnicas modernas de administração, enfrentando os desafios e adaptando-se aos novos padrões de qualidade, agregando valor ao seu produto (FILHO; BATALHA, 2005).

Para Silvestro (2001), recentemente a agricultura familiar vem se tornando o ator principal entre as políticas públicas, com importância social e econômica, para assegurar ao homem do campo a participação da agricultura familiar na modernização da sociedade.

Qualquer que seja a agricultura familiar, todas necessariamente precisam buscar evoluir juntamente com o meio capitalista que as rodeiam, adequando-se, assim, às modernidades e leis que permeiam a economia e a sociedade. O que, por sua vez, obriga o produtor rural a adquirir novos conhecimentos e atualizar-se de forma constante.

2.2 SUCESSÕES FAMILIARES: DIMENSÃO CONCEITUAL E ESPECIFICIDADES

A quantidade de famílias no âmbito agrícola vem diminuindo, consideravelmente, nos últimos anos. De modo superficial, pressupõe-se que sejam devidos a alguns problemas, como: o rápido crescimento das cidades e a falta de oportunidade do homem do campo ao acesso a terra. Porém, para alguns autores, a verdadeira realidade das empresas rurais é a falta

de sucessores, da continuidade dos trabalhos e da cultura do homem do campo (SILVESTRO, 2001).

Economicamente, a ausência de sucessores no meio rural vem ao encontro da expectativa de geração de renda. Já no meio urbano, a valorização dos imóveis traz para o mercado as condições de terras baratas. Isto se explica pelo fato de não haver mais jovens para assumir a continuidade da exploração do campo (SILVESTRO, 2001).

A principal perspectiva de continuidade da propriedade rural traz consigo a ideia de perpetuar as gerações. Relaciona-se essa perpetuidade com o casamento, nascimento, morte e herança. De maneira a dar prosseguimento ao que toda uma geração iniciou. Isto é, ao trabalho no campo e a perspectiva de permanecer e valorizar este meio. Garantindo a sobrevivência da agricultura familiar no presente e futuro (SPANEVERELLO, 2008).

Para Silvestro (2001), uma das menções para a continuidade dos jovens no campo, está diretamente relacionada à obtenção de crédito agrícola. Isto faz com que haja um envolvimento na decisão referente ao destino destes recursos, podendo estes serem alocados de tal maneira a facilitar os trabalhos na atividade agrícola.

Segundo Silvestro (2001), há também outro importante delimitador nesse processo sucessório, que está supostamente alocado, em relação à quantidade de mulheres jovens que demonstram o desejo na continuidade do negócio familiar. Onde este número diminuiu consideravelmente.

Há dois aspectos que provocam este delimitador no processo sucessório das adolescentes. Um deles se dá por elas assumirem somente as atividades mais rotineiras que não são tão especializadas na agropecuária. O outro aspecto é o desenvolvimento tecnológico que acarreta na substituição do homem pela máquina. No entanto, vale notar, que as mulheres, muitas vezes, são excluídas desse processo, pelo qual muitos não dão confiança e estímulo, para que elas realizem trabalhos com os maquinários tais quais os homens (TEDESCO, 2001).

Conforme Weisheimer (2004), a migração da juventude está se tornando rotineira, principalmente, dentro da agricultura familiar. Esse afastamento dos jovens do meio rural, não advém da grande oferta de trabalho nos centros urbanos, mas sim das baixas perspectivas de crescimento no campo. As novas gerações transpassam por três terminações: a sucessão profissional, transferência hereditária e a aposentadoria.

Segundo Spanevello (2008), a sucessão é muito variada. Há uma diferenciação na escolha entre filhos homens ou mulheres. Em sua maioria, a escolha dos pais é pelo filho, para dar prosseguimento ao legado deixado pelo patriarca. E a sucessão para as mulheres, somente

ocorre em situações distintas, como quando a filha divide a sucessão com um dos filhos, quando a filha é celibatária ou se a mulher é filha única. Ou seja, geralmente este tipo de sucessão só ocorre quando há falta de sucessor homem.

São poucos os pais que pensam em como vão, efetivamente, realizar esse processo e como será realizado o controle da propriedade. Porém, o interesse dos jovens em relação à continuidade nos trabalhos e no crescimento da propriedade, é o quanto realmente controlará da parte financeira da mesma (SILVESTRO, 2001).

Para Silvestro (2001), o futuro da permanência dos jovens na agricultura, dependerá das ações que serão tomadas com relação ao conhecimento de todo o processo decorrente da sucessão. Pois é dessa importante área de profissionais que depende o nosso país.

2.3 AGRICULTURA E AS INFLUÊNCIAS DAS COOPERATIVAS

As cooperativas foram inicializadas por grupos de pequenos agricultores, como resposta ao que o mercado lhes propunha para a produção. Com a formação de grupos, agregaram forças para obtenção de preços e serviços, como a compra de insumos por um valor mais favorável. As Cooperativas agrícolas obtiveram grandes feitos no mundo todo, fazendo com que a agricultura evoluísse consideravelmente nos últimos 150 anos (KOOPMANS, 2006).

Para Spanevello e Lago (2007), a maneira de organização referente à legislação e aos princípios das cooperativas, tem, por sua vez, dupla natureza. A primeira é a necessidade de apresentar lucros positivos pra garantir o funcionamento operacional e a continuidade do atendimento aos associados. Já a segunda, vem ao encontro das questões sociais, onde as cooperativas são fortes concorrentes no mercado, pois as empresas particulares procuram lucro a qualquer preço.

Segundo Koopmans (2006), as Cooperativas são controladas pelos seus membros, sendo uma organização democrática onde os membros decidem a forma que tomarão as atividades do empreendimento. Além de todos os atributos, as cooperativas promovem a formação e educação de seus associados, capacitando-os para uma gestão administrativa. Deste modo, facilitando a continuidade das pequenas empresas rurais e demonstrando aos jovens, que a permanência na agricultura, faz com que tenham mais competitividade no mercado, garantindo que não estarão sozinhos para enfrentar as adversidades do mesmo.

Conforme Spanevello e Lago (2007), as cooperativas são um instrumento de desenvolvimento rural, que buscam maior produtividade e rentabilidade para seus associados, gerando empregos e sendo de grande valia na arrecadação econômica dos municípios.

Koopmans (2006) ressalta que as vantagens do trabalho em conjunto, vêm ao encontro da solução de problemas que enfrentam os agricultores, para que estes possam criar soluções criativas e alternativas para aquisição de bens e serviços; além da garantia de um preço justo para o suor do seu trabalho. Isso vem trazendo uma forte influência perante os jovens de hoje, por saberem que não estarão sozinhos na luta diária do seu empreendimento rural, garantindo em grupo a continuidade da atividade agrícola por mais uma geração.

Spanevello e Lago (2007) destacam que as cooperativas não atuam somente na questão produtiva e comercial dos produtos de seus associados, como também vão muito mais além, trazendo ao associado a oportunidade de qualificação, facilitando a inserção no mercado competitivo. Assim, a diversidade das alternativas proporcionadas pelas cooperativas, faz com que ocorra um maior interesse dos jovens pela agricultura, pois os mesmos encontram na cooperativa uma maneira de ampliar seus conhecimentos e conseqüentemente garantem a sua permanência no campo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção compreende a abordagem metodológica e os procedimentos utilizados para execução da pesquisa.

No que se refere à abordagem do problema, este estudo se classifica como qualitativo. Segundo Godoy (1995), esta perspectiva permite compreender questões particulares dos entrevistados como exemplo a história de vida dos entrevistados para melhor entendimento da teoria. Considerando-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, esta pesquisa proporciona um entendimento do assunto e torna-o mais esclarecido.

Quanto aos objetivos, a pesquisa foi realizada seguindo a estratégia descritiva, uma vez que este permite realizar a descrição de alguma coisa, apresentando as características de determinada população ou fenômeno, ou fatos relacionados a observar, registrar, analisar e estabelecer correlações entre os dados coletados do que se vê e com o que observa. Ou seja, o estudo busca delinear as distinções da população no qual uma das características está na utilização da coleta de dados padronizada com a aplicabilidade de um questionário (MALHOTRA, 2001).

Em relação aos procedimentos da pesquisa, classifica-se como levantamento de dados. Optou-se por este procedimento para a obtenção das respostas no que se refere aos objetivos propostos neste estudo (LAKATOS; MARCONI, 2001).

A amostra deste estudo foi composta por 46 produtores rurais associados a COOPAFASJO. Cabe destacar que as entrevistas foram realizadas de forma aleatória e por conveniência, abrangendo todas as comunidades pertencentes ao município de São João do Oeste – SC, no qual possuía família associada à COOPAFASJO.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista em profundidade, com um roteiro semiestruturado a fim de obter as informações e percepções das famílias em relação à sucessão familiar agrícola e a forma como eles caracterizaram este processo.

Segundo Rampazzo e Correa (2008), a entrevista semiestruturada é formada por perguntas pré-estabelecidas moldando a situação concreta da entrevista. A coleta de dados veio ao encontro de um diálogo com as pessoas entrevistadas para verificar qual o conhecimento e o entendimento que os indivíduos envolvidos na pesquisa têm com relação ao tema.

Já em relação aos dados secundários, esta pesquisa teve como principais fontes de informações artigos científicos, livros e dissertações específicas da área e com reconhecimento nacional. Outros documentos, como relatórios da Cooperativa auxiliaram a obter uma base sólida de pesquisa e puderam facilitar em que momento encontra-se a atividade de associação das famílias.

Os dados foram analisados de maneira qualitativa, por meio do emprego da análise de conteúdo. Esta técnica é caracterizada por Gil (2008) como uma análise que tem como objetivo sintetizar os dados coletados de forma que torne possível o fornecimento de respostas diante do problema de pesquisa. Esta análise permite ainda a realização de comparações entre a teoria e a prática identificada por meio das entrevistas.

Destaca-se que a análise de conteúdo se faz importante por ser potencialmente útil quando realizamos diagnósticos de fenômenos sociais, no qual técnicas tradicionais são incapazes de responder aos objetivos propostos.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os principais resultados identificados nesta pesquisa.

4.1 CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO OESTE - SC

O Município de São João do Oeste foi colonizado pelo Volksverein, entidade do Rio Grande do Sul, que adquiriu a área, loteou-a em colônias, e passou a incentivar a sua ocupação atraindo agricultores de diversos municípios do Rio Grande do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL, 2012).

Durante diversos anos a evolução de São João, tanto na sede como no interior, foi muito lenta, isto em virtude das dificuldades de comunicação e comércio. O abastecimento dos primeiros habitantes vinha pelo Rio Uruguai. A sede de São João do Oeste, como muitas outras comunidades, tinha a sua via de comunicação através de estradinhas de um metro de largura – “meterweg” – feitas pelos próprios agricultores com pá e picareta. Estas mesmas estradinhas foram posteriormente, em sua maioria, alargadas e deram origem às atuais estradas (PREFEITURA MUNICIPAL, 2012).

A economia do município gira em torno da agricultura, tendo, por sua vez, várias atividades agrícolas, onde se pode citar como principais: suinocultura, avicultura e a agropecuária leiteira.

4.2 CARACTERÍSTICAS DA COOPERATIVA MISTA DA AGRICULTURA FAMILIAR DE SÃO JOÃO DO OESTE – COOPAFASJO

Para promover a organização dos agricultores familiares e buscar a agregação de valor a produção, foi criada em 27 de julho de 2007, no município de São João do Oeste, SC, a central das Associações de Desenvolvimento das Microbacias Hidrográficas do município de São João do Oeste. A mesma foi criada após três anos de intensos trabalhos de organização dos agricultores apoiados pelas Associações de Microbacias, Secretaria da Agricultura do Município e EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) (COOPAFASJO, 2012).

Com o fim do programa Microbacias do governo do estado de Santa Catarina, em 2010, a associação promoveu uma alteração no seu estatuto social, passando a denominar-se: Associação dos Agricultores Familiares de São João do Oeste. Esta passou a buscar convênios com o município de São João do Oeste e com a COOPAFASJO para manter as suas atividades (COOPAFASJO, 2012).

O maior objetivo do grupo foi proporcionar melhoria de renda (lucro) para as propriedades envolvidas na organização. Quem participa de um grupo organizado, não se preocupa em saber apenas o preço por litro de leite, mas sim em querer saber quanto sobrou

por litro de leite produzido; levando em consideração os custos de produção (COOPAFASJO, 2012).

O principal fator de confiança dos associados em relação a sua Cooperativa é a prática do cooperativismo no sentido literal da palavra, ou seja, pagando preço único a todos os associados com uma gestão transparente e participativa o mesmo tempo em que investe na formação e capacitação do quadro social, abordando o associado como verdadeiro “dono” da Cooperativa (COOPAFASJO, 2012).

Sendo assim, os principais aspectos que diferem as pequenas Cooperativas da agricultura familiar das outras Cooperativas agrícolas ou agropecuárias, é a forma de sua organização e gestão, pois trabalham para o bem comum de todos que fazem parte da mesma (COOPAFASJO, 2012).

A Cooperativa conta hoje com 182 famílias associadas, que além da produção de leite comercializam também, produtos artesanais, mel, hortifrutigranjeiros, pacificados caseiros diversos, derivados de cana, conservas, carne de frango caipira e ovos. Seu quadro de funcionários é composto por um gerente, duas secretarias, dois motoristas e dois técnicos agrícolas. A Cooperativa tem como principal finalidade promover o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar do município de São João do Oeste, SC (COOPAFASJO, 2012).

4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ASSOCIADOS À COOPERATIVA MISTA DA AGRICULTURA FAMILIAR DE SÃO JOÃO DO OESTE – COOPAFASJO

Ao abordarmos o contexto da agricultura familiar, é imprescindível destacar as dificuldades inerentes às organizações rurais. E ao direcionarmos para o processo de sucessão familiar as complicações são ainda maiores. Pode-se destacar que a falta de preparo para a gestão da propriedade número de filhos que saem da agricultura; os poucos incentivos por parte do governo; as dificuldades típicas do próprio modelo de negócio, são as principais causas da evasão e diminuição das famílias na agricultura.

Por esta razão, a grande maioria das empresas agrícolas associadas à Cooperativa em estudo está envelhecendo gradativamente e sem a certeza de como poderá dar continuidade à sua atividade. A fim de que possamos retratar este processo, focados exclusivamente nos associados à COOPAFASJO do município de São João do Oeste, foram analisadas abaixo as características dos entrevistados e como eles vêm percebendo todo este processo. Observando,

ainda, e em que contexto está ocorrendo à sucessão familiar agrícola. A seguir, a Tabela 1 demonstra os resultados obtidos referentes a faixa etária dos entrevistados.

Tabela 1 – Idade dos entrevistados

Idade	Frequência	Porcentagem
25 a 35 anos	4	8.70
35 a 45 anos	17	36.96
45 a 55 anos	13	28.26
55 a 65 anos	10	21.74
Mais de 65 anos	2	4.35
TOTAL	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Nota-se na Tabela 1, que a grande maioria dos entrevistados é de uma geração anterior a mais nova encontrada nesta pesquisa. O que significa que as gerações recentes não estão se interessando pela vida agrícola e, por conseguinte, a população rural está envelhecendo.

Percebe-se a existência de receio em relatar o grau de escolaridade. E, muitos deles, possuem o desejo de que seus filhos tenham maior oportunidade de estudo, realizando um curso superior ou técnico. Adiante, a Tabela 2 representa o explicitado acima.

Tabela 2- Grau de escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Primário	30	65.22
Ensino Médio	14	30.43
Curso Superior	2	4.35
TOTAL	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Percebe-se, portanto, que a maioria dos entrevistados possui apenas o ensino primário. O que, para muitos, causa um desconforto na hora de responder um questionário, pois a sociedade tende a criar pré-conceitos sobre situações consideradas “fora dos padrões”.

Conforme a Tabela 3 apresenta que parte dos entrevistados, após a conquista da aposentadoria, ainda dão continuidade as atividades agrícolas.

Tabela 3- Entrevistados aposentados

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Sim	7	15.22
Não	39	84.78
TOTAL	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Observa-se que os números indicam que significativa parte dos aposentados associados à cooperativa ainda participam da atividade agrícola normalmente. Essa informação pode estar relacionada por terem passado uma vida dedicada ao meio rural, o que lhes satisfaz na aposentadoria é poder exercer o que de melhor sabem fazer.

Através da Tabela 4 verificamos que todos os entrevistados são proprietários de seu estabelecimento.

Tabela 4- Proprietário do estabelecimento

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Sim	46	100
Não	0	0
TOTAL	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

As informações demonstram que em relação aos associados entrevistados todos apresentam estabilidade financeira pessoal na atividade rural, comprando a propriedade ao invés de apenas arrendá-la. Ao aprofundarmos a análise perceberemos que a fonte de renda do negócio na agricultura permitiu uma estabilidade maior, que pode estar vinculado com o fato de ser associado a uma cooperativa e ter sua produção já destinada para a venda.

No início da colonização, todas as propriedades rurais eram adquiridas através da compra de lotes, para que os trabalhos agrícolas fossem iniciados. Isto continua até hoje, pois grande parte dos agricultores compra de terceiros a sua terra, para que possam efetuar seus trabalhos e dar prosperidade as suas famílias. O que é demonstrado pela Tabela 5.

Tabela 5- Obtenção da propriedade

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Herança	8	17.39
Compra de parentes ou irmão	4	8.69
Herança e aquisição	2	4.35
Posse	0	0
Compra	32	69.57
TOTAL	46	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Nota-se que os números demonstram que a transferência de propriedade de pai para filho vem diminuindo com o passar dos anos. O que aponta uma mudança no meio rural de “ambiente agrícola familiar” para um “ambiente agrícola de negócios”.

A permanência dos jovens no meio rural é tema de debates entre todas as esferas públicas. Essa preocupação provém da interferência direta das questões relativas à continuidade da agricultura familiar na economia das esferas supracitadas. Desse modo, é possível descrever como ocorre o processo de sucessão nas propriedades rurais associadas à

Cooperativa, de maneira que seja possível utilizar-se destas informações como fonte de auxílio nas pesquisas e estudos que tratam da continuidade do sistema agrícola, essencial ao processo produtivo. Este olhar é exposto pelo Agricultor (F):

O jovem não fica no meio rural porque ele vê o que os pais passam e passaram; são muitas dificuldades [...] a gente depende muito do clima para plantar e colher. E eles sabem que às vezes trabalhamos o ano inteiro e não temos uma renda garantida, às vezes, da mal e mal pra se manter.

O entrevistado (D) ressalta o valor que é dado ao homem do campo. E destaca, também, as dificuldades que os filhos sentem sobre funções que os pais exercem:

A maioria procura outras oportunidades fora da propriedade rural, para obter um trabalho mais valorizado. Não estamos pensando em valor financeiro não, mas sim o nome. Pensa comigo: “se eu vinha te dizer que sou advogado, tu irá me olhar diferente, olha esse cara tem classe”. Já, agora, se eu irei falar na cidade eu sou agricultor, a grande maioria iria pensar que eu sou meio bobo, por que o colono fala errado, tem um jeito de caminhar meio esquisito [...] mas nos tempos que enfrentamos hoje, da pra se orgulhar da gente. Nós administramos muito bem a nossa propriedade. É difícil, mas a gente consegue, e por isso o jovem quer se sentir importante, quer ser valorizado.

Conforme o relatado, percebe-se que no modo de pensar dos agricultores pesquisados, a preocupação em motivar os seus filhos para dar continuidade nos trabalhos agrícolas, é real. Pois, os mesmos entendem que a produção tem que ser cada dia maior, para que haja viabilidade financeira, afim de que possam permanecer na propriedade.

É importante ressaltar que, esse novo modelo, é oriundo das pressões exercidas pelas agroindústrias. As quais exigem do gestor da propriedade, maior produtividade e qualidade. Assim como destaca o entrevistado (G):

Pois é, o jovem sai da propriedade por que ele vê que os pais pagam 20 a 30 anos investimentos; a gente se judia. E na cidade é mais fácil, todos procuram o que é mais fácil de fazer. Trabalhando como empregado, tu tens teu salário garantido. Olha, que nem agora, não chove, plantamos milho. Um investimento alto, e será que vai dar produção suficiente pra garantir o trato das vacas. Ou vamos ter que fazer outra coisa para dar conta? Assim, o salário de empregado é garantido. Eles ainda moram no interior, tem água, luz, tem horta, galinha, ovos; é mais fácil viver assim. (Agricultor G).

Os jovens pertencem a um modelo de sociedade em que a competitividade é real e a possibilidade de um ganho maior instiga na busca de novos e constantes conhecimentos. A

necessidade de se manter atualizado promove nesta geração, a obrigatoriedade de cursar o Ensino Superior para garantir para si, e para suas gerações futuras uma maior evolução.

Isto ocorre em virtude da crescente expansão tecnológica no segmento agrícola. Os agricultores de um modo geral buscam trazer para o seu negócio, programas e equipamentos que facilitam os trabalhos da propriedade. Gerando resultados melhores e dando um novo estímulo diante de novas tecnologias. Este olhar é exposto pelo entrevistado (A):

São varias as razões, o acesso aos estudos, à boa oferta de trabalho, os salários pagos para quem tem estudo é muito bom. Assim pensa a grande maioria, mas é uma pena, pois a agricultura no geral oferece estabilidade e produtividade muito melhor do que a vida na cidade. Só precisa querer trabalhar, e colocar na cabeça que nada cai do céu. Por que o colono que tem capricho, e sabe poupar e investe certo; tem muito mais que o cara que trabalha na cidade por um salário mínimo.

Para o pesquisador do centro de Pesquisa da Agricultura Familiar-Cepaf-Epagri, o êxodo rural nas regiões do Oeste Catarinense, está sendo constituído por 83 mil estabelecimentos e aproximadamente 100 mil famílias de agricultores, atingindo a população jovem com mais agressividade do que nos anos anteriores.

Conforme a pesquisa realizada, aproximadamente 70 mil jovens da região Oeste Catarinense, com idade entre 15 e 29 anos, deixaram o campo na última década. Sendo que, aproximadamente, 15% dos estabelecimentos familiares do Oeste de Santa Catarina, são habitados por casais com mais de 41 anos de idade que não possuem jovens para dar continuidade às atividades agrícolas (SILVESTRO, 2001).

Por estes fatos, torna-se questionável analisar a razão pela qual os jovens saem da agricultura. Dessa maneira, o entrevistado (F) expõe a sua ideia:

Olha, para mim, a desmotivação é em relação aos lucros gerados. É um dos principais pontos, porque hoje a muito trabalho para ser feito e pouco retorno para o agricultor. A gente tem que ter uma produção muito grande para ter um pouco de sobra.

Os jovens, no atual cenário, estão dando mais importância à qualidade de vida e pensando muito mais no futuro do que no momento em que estão. Vão à busca de estudo e de trabalhos não tão sofridos como os dos pais; ressalta o entrevistado (H)

Para você ver, a grande maioria dos jovens, sai da colônia para ir a busca de um serviço mais leve, uma jornada de trabalho fixa de 8 horas diárias; de segunda a sexta feira. Aposentadoria por tempo de serviço, por que esta aposentadoria vem antes do que a da agricultura, e todas as vantagens que se tem quando se trabalha de peão: é décimo terceiro, é férias e ainda podem morar no interior, não paga aluguel, as

coisas são tudo mais fáceis. Agora, o que me deixa preocupado, é o que isso tudo vai dar. Porque muitos, com o passar dos anos, trabalhando nas indústrias, começam, de repente, a ficar doente e daí não conseguem mais trabalhar e voltam pra roça, mas daí já é tarde para começar de novo.

Fica assim, a preocupação em relação à continuidade das unidades familiares de produção. Estas questões devem ser consideradas, para que tenhamos uma maneira de evitar a desertificação das propriedades agrícolas existentes em nossa região. Para que esse tipo de abandono não ocorra, grupos de pessoas se unem para formar associações e cooperativas, que darão o auxílio necessário para que se de continuidade a essa profissão. A percepção dos trabalhos das Cooperativas junto aos agricultores é relatada, conforme o entrevistado (F)

É muito bom, pois conseguimos coletivamente um preço melhor para os nossos produtos; que é o suor do nosso trabalho. Além de nós, unindo nossas forças, temos como adquirir máquinas, serviços e produtos com preços melhores. Além de esclarecer dúvidas sobre os assuntos agrícolas e, unidos, poder lutar contra as grandes agroindústrias.

As cooperativas trazem aos seus associados melhores alternativas, procurando igualar, os mesmos, aos grandes produtores com quantidade e qualidade de produção maior, como relata o entrevistado (H).

O trabalho da cooperativa é uma das alternativas hoje encontradas pra ajudar os pequenos produtores. Por que, com o ingresso das cooperativas na vida dos agricultores, juntos acabamos se igualando aos grandes produtores. Por que o leite ainda não é pago por qualidade, como deveria ser, mas por quantidade. Assim, nós, pequenos, nos unimos, formando um grande grupo, tendo resultados efetivos na venda dos nossos produtos e na compra de máquinas, insumos e alimentação necessária para os animais. Ganhamos na venda e na compra.

Os associados das cooperativas percebem que, através delas, encontram uma maneira de lutarem por igualdade e qualidade de vida. Assim como expressa o entrevistado (D).

É algo que ajudou muito. Melhorou, porque as cooperativas representam os grupos de agricultores. E, com isso, conseguimos vender a produção por um preço melhor. A união faz a força.

A produção agrícola é hoje a base da economia regional. Consentir com a saída dos jovens do meio rural, significa reduzir os movimentos econômicos e a diminuição da produção agrícola. Os quais promovem desenvolvimento da cidadania no campo,

potencializando a agricultura familiar e garantindo a sustentabilidade dos recursos naturais (SILVESTRO, 2001).

Para tanto, conforme o entrevistado (K), há uma deficiência dentro daquilo que poderia ser feito para favorecer a permanência dos jovens na agricultura, pois;

Hoje falta um trabalho de conscientização, tanto para os pais, como para os filhos; de como é importante dar continuidade na agricultura. Já vi regiões que estão abandonadas, crescendo mato, que poderiam estar produzindo. Talvez só para sua subsistência, e trabalhando numa indústria. Mas poderiam estar lá, e não morando na cidade e passando dificuldade. Falta também interesse dos governantes, pois eles não estão tendo visão de futuro. Está batendo na nossa porta. É difícil conseguir que um dos filhos fique com a gente, por que eu estou ficando velho, e quem vai cuidar de tudo, vai ser meu filho. E tem que ajudar a cuidar de mim, quando eu não tiver mais com as minhas razões bem firmes. E disso os jovens tem medo, da responsabilidade de cuidar de um velho. Porque não é fácil ficar velho, tudo muda muito.

O entrevistado (J) ressalta a falta de segurança em relação ao retorno financeiro nesse setor para que os jovens possam ser estimulados a permanecerem na agricultura.

Hoje não existem garantias de retorno nos investimentos, falta subsídios para produção, e devem valorizar o produtor financeiramente, para que tenha como segurar o jovem na roça.

A maior preocupação dos pais é garantir o futuro dos filhos. Por isso, deixam a continuidade de suas terras para os seus filhos, aquele que dá continuidade à propriedade. Assim relata o entrevistado (F).

Deveria ter uma linha de crédito sem juro, onde nós podíamos ajudar a comprar uma propriedade pra os nossos filhos. Para que eles pudessem trabalhar, cada um, no seu pedaço de terra. Assim, cada um seguiu o seu rumo, um melhor, outro nem tanto, mas vão levando.

Levando em consideração a percepção da agricultura, o estímulo aos filhos para permanecer na propriedade agrícola se torna constante. Conforme relata o entrevistado (A)

O estímulo é dado para todos os filhos, por que a gente tem que ver qual deles tem mais tino para ficar na roça. Aquele que mostrou mais interesse, a gente apoia. Tem tudo montado na propriedade, é só continuar mantendo a propriedade. Porque trabalhar na agricultura é uma profissão nobre.

O abandono das propriedades familiares de produção: é a perda das vocações e capacidades profissionais que poderiam ser praticadas em conjunto, com o estudo de cursos

especializados, trazendo o conhecimento junto à prática. Para o entrevistado (L), o estudo faz com que a prática seja eficaz.

Eu estimulo, sim, os meus filhos, para que estes fiquem na roça. Mas acho de fundamental importância que eles estudem, por que o estudo abre mais a cabeça, faz pensar e não só trabalhar, porque a vida e a renda na propriedade só têm valor, quando ela esta funcionando.

Segundo o entrevistado (L), os agricultores trabalham constantemente para que seus filhos permaneçam no negócio:

Eu vi neste meu filho o interesse e a vontade de lidar com gado de leite. E, então, comecei a trabalhar com ele, dividindo as despesas e os lucros da propriedade. Ele tem que cuidar do seu próprio dinheiro e ter responsabilidades. Isso cada vê, não tem como explicar como isso acontece, isso vem meio ao natural.

A sucessão do patrimônio é um processo que requer bom planejamento e, sobretudo, a realização deste plano em vida; conforme o entrevistado (F)

A sucessão já está ocorrendo de uma maneira devagar, mas está em andamento. Por que temos que dar confiança para ele ter coragem de continuar e fazer o seu próprio futuro. Por que cada um tem que caminhar com suas próprias pernas.

Já em outras propriedades, não há mais como alguém dar continuidade, pois não houve ninguém que quisesse assumir a agricultura, relata o entrevistado (B):

Todos os meus filhos saíram da roça bem cedo, trabalham em grandes empresas e vejo que eles são felizes lá. Vai ser uma pena abandonar tudo isso, 'temo' uma estrutura boa, mas a gente ficar velho e na roça não é fácil. O compromisso é grande, e a responsabilidade também. Por isso, acho que muitos jovens não ficam na roça. É sempre aquele compromisso, os bichinhos não da para desligar como uma máquina né. Mas eu penso que, com essas novas gerações de hoje, as coisas vão mudando. Alguém vai ter que começar a produzir de novo. Como a gente fica daí? Acho que no futuro isso tudo vai mudar. Tem que conscientizar desde pequeno, todas as crianças, a respeitar aquele que tem as mãos calejadas. Não temos estudo, mas muita força de vontade.

Em sua grande maioria, os associados entrevistados, não tem planos garantidos para a sucessão do patrimônio, pois muitos ainda possuem filhos novos ou ainda não estão decididos no que realmente querem fazer. Por consequência, deixam para última hora, quando o patriarca não estiver mais em condições de colocar alguém no lugar dele, causando, assim, muito incômodo para toda a família.

Quando a eles é relatado o assunto referente à sucessão familiar, logo vem em mente à divisão ou partilha de herança entre os familiares. Porém, sucessão não pode ser tratado como algo que se resolve somente após a morte do patriarca, mas sim, ao longo de um período de análise e acompanhamento do próprio processo de repasse.

Porquanto, trata-se de uma realização de transferência de conhecimento e de experiências vivenciadas e partilhadas em vida com os que possuirão, deste momento em diante, o dever de assumir e trazer frutos a essa propriedade. Da mesma forma que seu antecessor realizou até então.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo geral analisar o processo de Sucessão Familiar nas propriedades rurais dos agricultores associados à COOPAFASJO, localizada no município de São João do Oeste, SC.

Para atingir o objetivo geral proposto na pesquisa foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, realizada por meio de levantamento de dados. A amostra teve sua representação por quarenta e seis agricultores associados à Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de São João do Oeste, SC.

Ao identificar as características dos proprietários rurais associados à COOPAFASJO, os resultados demonstraram que, grande parte, tem entre trinta e cinco e cinquenta e cinco anos; tendo como grau de escolaridade, o primário. Ainda os resultados apontam que todos são proprietários do seu estabelecimento rural, obtendo a mesma através da compra de terceiros.

Buscou-se identificar como ocorre o processo de sucessão familiar nas propriedades rurais, os resultados mostraram que essa ação está muito lenta e os jovens estão preocupados em estudar. Almejando uma melhor profissão e melhores condições de vida para si, pois crescem vendo o sofrimento dos pais, e com isso, a sucessão familiar não é planejada nas famílias. Deixando os filhos tomar suas decisões com relação ao seu futuro.

Verificam-se também as relações existentes entre a percepção dos agricultores sobre a ocupação agrícola e o estímulo a permanência dos filhos na atividade. Os resultados apontam que muitos percebem que na agricultura haverá maior tranquilidade e segurança. Porém, muitos têm o desejo de que seus filhos tenham estudo, cursando uma faculdade ou um curso técnico. Pois as tecnologias estão evoluindo cada dia mais, ao mesmo tempo em que técnicas novas são implementadas. Dessa forma, ao unir o estudo a prática, é possível desenvolver

melhores resultados no labor agrícola. Em outras propriedades, que não tem uma infraestrutura adequada, os jovens preferem trabalhar como assalariados, por ver as dificuldades que os pais enfrentam. E nisso, muitos não estimulam seus filhos, para não vê-los sofrer como eles já sofreram.

Ao observar se a transição demográfica interfere na sucessão familiar essa por sua vez, é confirmada pelos resultados apresentados, pois os jovens vão para os centros maiores em busca de estudo e trabalho. E, com isso, não voltam mais para casa, pois criam novas raízes, ficando no local onde estão e se desvinculando com a sua origem inicia, ou seja, a propriedade agrícola.

Conclui-se, portanto, que o processo de sucessão familiar agrícola, embora a associação a uma Cooperativa represente mais segurança e estabilidade, se mostra difícil e complexo. Cabe destacar que o governo tem melhorado os incentivos a permanência na propriedade, porém, se faz necessário que se olhe as propriedades como um todo, de modo que se mude a concepção da mesma e entenda este segmento, como um negócio, como um empreendimento rural.

REFERÊNCIAS

COOPAFASJO, Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de São João do Oeste: São João do Oeste, 2012.

CORRÊA, Fernanda Zanin Mota; RAMPAZZO, Sônia Elisete. **Desmitificando a Metodologia Científica**: guia prático de produção de trabalhos acadêmicos. Erechim: Habilis, 2008.

FILHO Souza, Hildo Meirelles de BATALHA, Mario Otavio (Org.). **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.

FLORES, Aécio Witches. **Gestão rural**. Porto Alegre: Dos Autores, 2006.

FOINA, Paulo Rogério. **Tecnologia de informação**: planejamento e gestão. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Dados e Técnicas de Pesquisas Social**. 6 ed. São Paulo, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica e Editora 2000.

KOOPMANS, R. **Agrodok 38- Iniciar uma cooperativa**. 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>> Acesso em: 22 mai.2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL SÃO JOÃO DO OESTE. São João do Oeste, Janeiro.2012. Disponível em: <http://www.saojoao.sc.gov.br>. Acesso em 18 out. 2012

SILVESTRO, Milton Luiz. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Brasília: Ministério do desenvolvimento agrário, 2001.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**: 2008. 236 f. Tese (Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

SPANEVELLO, R. M. LAGO. A. **Instituições e organizações na agricultura**: as cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar. 2007. 19 f. Dissertação (As Cooperativas Agropecuárias e a Sucessão Profissional na Agricultura Familiar) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 3. ed, 2001

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais Mapa de Estudos recentes**. 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>> Acesso em: 8 mai.2012.